



O BRASIL DESCONHECIDO

AS PINTURAS RUPESTRES DE SÃO RAIMUNDO NONATO TÊM MUITO A REVELAR

Michel Justamand

RESUMO

Este artigo busca mostrar as contribuições que as pinturas rupestres têm a oferecer para as questões sociais atuais. As pinturas representam as atividades cotidianas realizadas pelos primeiros habitantes nas terras hoje conhecidas como Brasil. Apresentam em suas imagens exemplos do que aconteceu ancestralmente permitindo que nós, atualmente, tenhamos novas reflexões sobre o passado.

PALAVRAS CHAVE

Pinturas rupestres, Piauí, São Raimundo Nonato.

INTRODUÇÃO

Este texto parte da tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Antropologia, em outubro de 2007. Ele procurará analisar as pinturas rupestres produzidas pelos primeiros habitantes do Brasil no Parque Nacional Serra da Capivara e em sua circunvizinhança, há milhares de anos, com o objetivo de revelar ao país aspectos ainda desconhecidos de sua história. Especialmente as da chamada Tradição Nordeste de Pinturas Rupestres.

Consideradas elementos comunicativos e educativos, as pinturas rupestres estão impregnadas de história da humanidade. Por suas características, os cientistas (arqueólogos e antropólogos) chamam de Tradições os conjuntos dessas pinturas com igualdade e/ou similaridade. Das muitas conhecidas no Brasil, esta pesquisa preocupou-se em estudar a Tradição Nordeste.

As pinturas rupestres, um dos registros da história social dos habitantes de seis a 12 mil anos atrás, expunham costumes e práticas cotidianas, permitindo que outros grupos ou as gerações seguintes do próprio grupo reutilizassem as informações ali contidas.

Parece-nos que as pinturas rupestres contribuíram para despertar um lado artístico humano e essas produções não ocorreram somente no Velho Mundo, como costuma ser divulgado nas enciclopédias de arte.

Apresentando cenas do cotidiano (caça, sexo, parto, brincadeiras, lutas sociais, namoro, ritos) plasmadas nas rochas, as pinturas rupestres da tradição Nordeste tinham várias funções e revelam que a vida diária dos primeiros ocupantes do país era muito dinâmica. Portanto, elas são fontes de muitas informações e indicativos de que houve história, educação, sociabilização,





comunicação e religiosidade desde sempre na história humana. Por isso, graças as suas datações e/ou dos contextos de seus processos de produção, acreditamos que é possível “recuar” para muito antes de 1500 a história do espaço hoje conhecido como Brasil.

As pinturas rupestres funcionavam como uma forma de transmissão integrada dos conhecimentos acumulados de uma dada cultura. As rochas serviam como uma espécie de “lousa” para as populações que as produziam, mostrando práticas mantidas ao longo do tempo. Por meio delas, os grupos intercambiavam informações, o que lhes possibilitava desfrutar das condições reais de vida.

Dessa maneira dividimos esse texto em oito partes para tratarmos das pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara no sudoeste do estado do Piauí e suas relações, a arqueóloga Niède Guidon, um pouco das pesquisas arqueológicas sobre pinturas rupestres, as origens, os focos.

São Raimundo Nonato e sua região: um breve histórico

A cidade de São Raimundo Nonato pertence à região sudoeste do Piauí, um dos estados mais pobres do Brasil, conforme mostra o índice de desenvolvimento humano – IDH. Nessa cidade e em sua microrregião, encontram-se os vestígios da presença humana (fosseis, artefatos e pinturas rupestres) mais antigos do país, conforme as datações apresentadas pela missão franco-brasileira. Apresenta-se ali um imenso museu imagético a céu aberto. Trata-se de um dos maiores do mundo e constitui uma riqueza não só para o país, mas também para a humanidade.

Essa região foi densamente habitada desde os tempos mais remotos por caçadores e coletores primitivos conhecidos como “pimenteiros”. Entre os séculos XVII e XIX, os nativos remanescentes passaram pela catequização jesuítica e, junto a isso, a conquista do território contribuiu para a dizimação dos povos ocupantes. As terras passaram a ser ocupadas pelas grandes fazendas de gado e pequenas lavouras até meados do século XIX, quando entra em cena a maniçoba, um produto regional, típico da caatinga, de onde se extrai a borracha e que fora explorado a exaustão por seu rendimento econômico.

Fonte: *Revista Parque Nacional Serra da Capivara*, 1998.

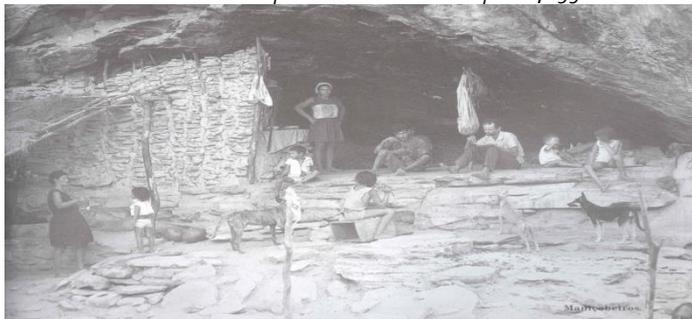


Figura 1 – Maniçobeiros moradores dos sítios (São Raimundo Nonato/PI)





NIÈDE GUIDON, UMA PIONEIRA

Há muitos anos, moradores, caçadores e maniçobeiros, referem-se às inscrições gravadas em rochas (as pinturas rupestres) na região sudoeste do Piauí. Durante os anos 60 do século passado, essas informações transbordaram a região piauiense em direção ao sudoeste brasileiro, especificamente o estado de São Paulo. Em 1963, alguns prefeitos da região de São Raimundo Nonato vieram ao Museu Paulista, da Universidade de São Paulo – USP, e pediram para falar com o responsável, que era a Profa. Niède Guidon. Disseram eles: “Lá em nossa terra tem uns *deseíños* de caboclo, de índios na serra.”, conforme relata a própria arqueóloga. Entregaram-lhe também fotos das pinturas rupestres da região (GUIDON, 2000, p. 93). Logo que as viu, ela notou que eram realmente diferentes de tudo que já havia sido publicado no país e na arqueologia brasileira (IDEM, *ibidem*).

Desde então, Guidon trabalhou para poder estudar a região e constatar a riqueza daquilo que vira em fotos. Nos anos 60, viaja para lá, mas não chega até a cidade por falta de acesso. Somente em setembro de 1970 tem contato com as pinturas rupestres da região. Toma conhecimento das reais condições de hospedagem, traslado e pesquisa. Na época, apenas cinco sítios eram conhecidos. Então, promete para os caçadores da região 50 mil reis para cada novo sítio encontrado. Quando volta, em 73, os sítios já passavam de 55 e hoje são mais de 800. Atualmente, ela desenvolve, na região, trabalhos ligados à preservação ambiental e ecológica, além dos arqueológicos.

As pinturas rupestres são portadoras de grande variedade de estilos, técnicas, tamanhos, cores, clareza de informações e riqueza de detalhes. Elas foram “encontradas” por Guidon e possibilitaram o seu doutorado (1974), sob o título de *Pinturas rupestres da Várzea Grande, PI, Brasil*, e também o trabalho de outros pesquisadores (Silvia Maranca, Suzana Monzon, Anne-Marie Pessis, Gabriela Martin, Fabio Parenti, L. Emperaire). O grupo inicial compõe uma missão científica, e o seu primeiro relatório, ainda em 1973, é escrito por Niède Guidon.

Essa missão, instalada na região no final dos anos 70, é “premiada” com a transformação da região em parque nacional, uma das categorias de unidades de conservação ou áreas protegidas existentes no Brasil. A criação dos parques nacionais tem por objetivo a proteção dos recursos naturais e culturais. No caso do parque piauiense, visa a preservar a fauna (sapos cururu, morcegos, jiboias, cobras cipó, preás, onças pintadas, capivaras, cotias, papagaios e cervídeos), a flora (maniçoba, marmeleiros, juremas, jatobás, carobas e paus d’arco) e os sítios arqueológicos, além de proporcionar a visita de turistas e pesquisadores.

Transformar a região no Parque Nacional Serra da Capivara foi um feito de grande envergadura no país, principalmente por ter sido conquistado por uma mulher numa sociedade ainda muito machista. Realmente, a criação do Parque é fruto de muita luta da equipe fundadora, em especial da Doutora, como é conhecida Niède Guidon na região.

Fonte: Revista Parque Nacional Serra da Capivara, 1998.





Figura 2 - Mapa do Parque Nacional Serra da Capivara

O Parque Nacional Serra da Capivara foi criado em cinco de junho de 1979 para garantir a preservação dos sítios arqueológicos, com milhares de figuras rupestres. O parque tem a área de 129.140 ha, perímetro 214 km, altitudes 320 a 600 metros e o seu bioma é de caatinga (termo que significa floresta branca em tupi), vegetação dominante na região nordestina, onde falta água durante todo o ano. A caatinga apresenta várias formas, como as chapadas, as planícies, os cânions e os tabuleiros.

O Parque localiza-se no sudoeste do Piauí, a 530 km de Teresina, a capital do estado. A cidade mais importante para a região é São Raimundo Nonato. O caminho mais curto para quem vem de avião é por Petrolina, cidade pernambucana que dista 300 km dali.

A administração do Parque Nacional da Serra da Capivara é feita, também, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Em 1991, o Parque foi inscrito na lista dos sítios do Patrimônio Mundial da UNESCO por seu valor cultural, social e histórico, uma reivindicação da missão franco-brasileira liderada por Niède Guidon.

As inúmeras pesquisas feitas na região do Parque (composto pelas cidades de São Raimundo Nonato, Brejo do Piauí, Coronel Jose Dias e João Costa) transformaram-se em artigos, dissertações e teses de doutorado e livre-docência. São pesquisas que se renovam constantemente e que, a cada ano, levam mais e mais estudantes, turistas e pesquisadores, nacionais e internacionais, para a região. Por esse motivo, foi preciso criar, na cidade e nos arredores, condições de transporte, alimentação e estadia e uma organização capaz de garantir a todos o bem-estar local.

Assim nasceu a Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, em 1986. Presidida muitos anos por Guidon, seu objetivo é garantir a qualidade das pesquisas e cuidar da administração do parque em conjunto com o IBAMA. A Fundação relaciona-se com a comunidade local e incentiva o desenvolvimento autossustentável por meio do turismo, e de atividades não predatórias. Possui um centro de pesquisas, biblioteca especializada e uma equipe permanente trabalhando na conservação do Parque, em especial das pinturas.





A Fundação acompanha, ainda, outros projetos ligados à comunidade, como: escolas, a apicultura, o artesanato, a produção de cerâmicas e a formação de guias para as visitas ao parque. Essas atividades garantem a muitas pessoas o sustento e uma vida mais digna.

Para a visita turística, a Fundação preparou circuitos diversos que permitem observar pontos de interesse ambientais, arqueológicos e ecológicos. Garante, assim, a preservação do parque e da diversidade sociocultural e biológica, pois as visitas são acompanhadas pelos guias treinados pela própria instituição.

ARQUEOLOGIA EM SÃO RAIMUNDO NONATO

Os sítios arqueológicos situados dentro do Parque somam, hoje, mais de 800, mas poucos foram escavados por arqueólogos. Nas circunvizinhanças do Parque, eles não cessam de serem encontrados pelos participantes da equipe de conservação das pinturas.

As pesquisas realizadas na região entre 1970 e 1991 levantaram hipóteses divergentes das até então aceitas pela comunidade internacional de arqueologia sobre a ocupação das Américas. Lideradas por Niède Guidon, a missão franco-brasileira indica a presença humana nesta pequena região piauiense a mais de 50 mil anos, fato comprovado pelas datações de vestígios fossilizados de carvão, a partir das análises físico e químicas laboratoriais.

As datações dos carvões levantaram a possibilidade de entrada nas Américas dos primeiros habitantes muito antes do que se imaginava e se aceitava como certo. Por isso, foi preciso repensar se a entrada destes grupos humanos se deu única e exclusivamente pelo estreito de Bering ou se podem ter existido outras entradas, como sugere Guidon. Somente depois de exaustivos trabalhos (seminários, pesquisas, artigos e teses), produzidos a partir das atividades no Parque e apresentados no Brasil e na Europa.





Fonte: Revista Parque Nacional Serra da Capivara, 1998, p. 53.



Figura 3 - Restos de fogueira. Parque Nacional Serra da Capivara.

Essas divergências foram levadas à discussão em 1993, como mostram os *Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas*, ocorrida em São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil, sob a tutela da Fundação e com a presença de muitos pesquisadores europeus e americanos.

Esse evento tinha por finalidade rever os conceitos aceitos por toda a comunidade internacional. Objetivava também discutir as novas hipóteses sobre o povoamento das Américas, a partir dos novos dados, graças às datações, atrasando em, pelo menos, para até 50 mil anos antes do presente a chegada dos primeiros ocupantes da América, ou dos *antigos ocupantes do Brasil* (FUNARI, 2001).

Niède Guidon teve o cuidado de, num artigo publicado nesses anais intitulado *Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio e Dillehay*, desconstruir todos os argumentos usados pelos estadunidenses, que, ao que tudo indica, não querem, como bons nacionalistas, perder o privilégio de serem os EUA a passagem inicial para a ocupação continental ancestral (GUIDON, 1996).

Inúmeras escavações arqueológicas no Sítio Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara, feitas pela equipe da Fundação, encontraram restos de fogueira e pedras lascadas, com datações próximas há 50 mil anos. Não existe consenso na comunidade científica mundial sobre o assunto. Alguns ponderam que a suposta fogueira poderia ter sido madeira incinerada por um raio e que as pedras poderiam ter sido lascadas durante a queda de um bloco de rocha.

Novos achados, como a descoberta de dentes com 15 mil anos e que foram considerados os fósseis humanos mais antigos do continente, são indícios de que humanos viveram na região bem antes do que se imaginava ou mesmo antes da presença humana na América do Norte. Estes dentes dão início a uma nova fase nos estudos sobre a ocupação do continente.





AS PINTURAS RUPESTRES. RECORRÊNCIAS

Nas pinturas da região do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, percebe-se uma incidência sistemática de algumas cenas que, acredita-se, era intencional. Essa repetição regular permite a atribuição de significado simbólico aos grupos que lá viviam, pois as pinturas eram a expressão da alma coletiva num mundo ainda carente do individualismo. Eram mediações feitas a partir do modo de pensar e dos sentidos conhecidos entre os usuários (PEREIRA, 1967).

As imagens repetidas da região da Serra da Capivara apresentam ritos, (lúdicos e cerimoniais), caçadas e cenas de sexo entre humanos (FUNARI e JUSTAMAND, 2014) e entre humanos e outros animais. Eram mantidas as mesmas temáticas, e os traços essenciais (PESSIS, 2003, p. 103) assemelhavam-se entre si, o que permitia que a mente, funcionando por analogias, entendesse as conexões. Os traços formais mais característicos das tradições e os temas seguiam uma linha ininterrupta ao longo dos séculos e milênios, facilitando a memória sistêmica (COSTA, 2003, p. 238/239) dos indivíduos e dos grupos.

No Brasil, há inúmeras imagens rupestres com cenas reconhecíveis e outras que compõem um acervo das não reconhecíveis. As reconhecíveis (BUCCO, 1999, p. 27) como são as figuras humanas, as animais, as de plantas e as de diversos objetos, que formam, em muitos casos, séries de conjuntos. Na região piauiense de São Raimundo Nonato, há três tradições: Agreste (PESSIS, 1992, p. 44), Geométrica e Nordeste.

Para Guidon (2002), a Tradição Nordeste tem sua preocupação voltada às temáticas da vida, desvelando a história antiga do país. Os painéis desta tradição têm um traço em comum: a facilidade de acesso. As raras figuras que se encontram a mais de dois metros do solo foram realizadas, segundo informações da Fundação, com o auxílio de troncos de árvore apoiados contra a parede, que permitiam alcançar tal altura, afirma a autora (GUIDON, 1985, p. 116-7). Parece que os artistas rupestres desejavam que a ação plasmada nas rochas fosse reconhecida e preocupavam-se com a transmissão de alegria e vitalidade (PESSIS, 2004, p. 155).

A existência de pinturas em toda região nordestina explica-se pela busca por melhores condições de vida, pela necessidade de fugir dos grupos mais fortes e por seus criadores serem bons andadores. Esses habitantes não tinham problemas com longas caminhadas, porque seu corpo era adaptado a essa atividade (ANGELO, 2004).

Os humanos que viviam na região do Parque e seus arredores eram nômades e impulsionados a todo o momento a migrações. Ora se dispersavam, ora se reagrupavam em busca do mesmo objetivo. Organizavam-se em grupos aliados para garantir a geração de suprimentos nas caçadas, e essas associações interessavam-lhes para as relações sociais e familiares. As caçadas coletivas, como mostram as pinturas, com os diferentes grupos permitiam que tivessem mais proteínas em sua dieta alimentar (SPENCER, 2004).

As pinturas possibilitavam aos humanos compreender, avaliar e posicionarem-se no meio ambiente, reconhecendo-se, como explica Pessis:

Para que exista essa comunicação, deve existir um consenso sobre que posturas, gestos e ritmos fazem parte da identidade do grupo. É uma linguagem não verbal que permite compreender-se, avaliar-se, posicionar-se no contexto e, em síntese, reconhecer-se (PESSIS, 2003, p. 68).





Os grupos ocupantes da região avaliavam as suas relações sociais, reconheciam suas fraquezas e potencialidades a partir da linguagem rupestre. Ela lhes mostrava saídas conhecidas culturalmente e assimiladas, como os casamentos inter-grupais, que agilizavam as relações e facilitavam o agrupamento ou reagrupamento em torno de suas necessidades básicas, como a caçada de um grande animal.

O contato entre grupos era recorrente e necessário, mesmo que fossem divergentes. Os grupos tinham modos de vida e produção muito similar, até mesmo em suas estratégias de sobrevivência e tecnologia. As pinturas rupestres, reproduzindo comportamentos e formas de comunicação (FUNARI e NOELLI, 2002, p. 59), mostram a ocorrência de relações sociais entre os mais diferentes grupos ocupantes da região.

As cenas do início da ocupação humana traziam animais caçados por um ou poucos humanos. Mas, com o passar dos anos, são registradas cenas com vários humanos caçando. A caça com contingentes maiores exigia organização social e coesão. Implicava em partilhar o fruto da caçada e exigia a mudança de mentalidade dos humanos como indivíduos e da sociedade. Com a união de grupos, aumenta o número de pessoas, a comunicação transforma-se em uma necessidade básica e a flexibilização das atividades em nome da existência social torna-se vital, pois as caçadas não podiam mais ser as principais fontes de alimentação (COSTA, 2003, p. 147-8).

A Tradição Nordeste apresenta grande quantidade de cenas e movimentos. Mostram dinamismo e narratividade. O movimento de animais correndo, pintados nas rochas, identifica as noções de tempo que os artistas tinham, porque toda representação de movimento implica na evocação de um antes e um depois (PERELLÓ, s/data, p. 63).



Figura 4 - Toca do Sitio do Meio. Animais: veados (Serra da Capivara)

A Tradição Agreste tem outra técnica de produção artística, segundo os pesquisadores, suas formas são maiores e sem o movimento e o dinamismo vistos na Tradição Nordeste. Apresentam figuras reconhecíveis de humanos estáticos, isolados e raramente em caçadas (PESSIS, 2003, p. 86).





Figura 5 - Toca do Serrote da Bastiana. Tradição Agreste. (São Raimundo Nonato)

As pinturas rupestres são consideradas demarcadoras dos territórios dos grupos, e as cenas da Tradição Agreste, no Parque, indicariam uma disposição à dominação maior do que as cenas dos grupos ocupantes da região anteriormente (COSTA, 2003, 199).

A Tradição Agreste, ao contrário da Tradição Nordeste, tende ao antropomorfismo (SOLÁ, s/data, p. 131). Traz humanos vestidos de pássaros e grandes bonecos, formando poucas cenas.

AS PINTURAS NO BPF

No Parque Nacional Serra da Capivara, há muitos sítios arqueológicos e cada um tem suas peculiaridades. No Brasil, é o local com a maior concentração de pinturas rupestres conhecidas. Elas interessam à arqueologia brasileira e parece-nos que elas deveriam constar de todo livro que tratasse do assunto (JUSTAMAND, 2006), tanto no Brasil como no mundo.

Importantes sítios arqueológicos da região piauiense indicam que é preciso, ao menos, mudar um pouco o modo de ver, pensar e contar a história do país. Além desses sítios do estado do Piauí existem outros espalhados por todo o país (JUSTAMAND, 2002), que também contribuem para a mudança de entendimento do processo de construção histórico do país.





Fonte: Anne-Marie Passis. *Imagens da Pré-História*. São Raimun Nonato: FUMDHAM, p. 46.

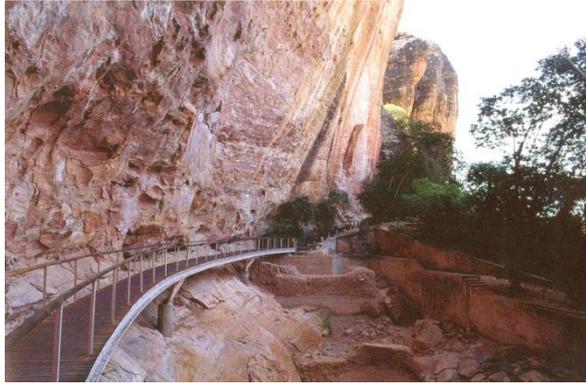


Figura 6 – O Sítio do Boqueirão da Pedra Furada. (Serra da Capivara)

O Sítio Boqueirão da Pedra Furada apresenta pinturas de vários tamanhos, com traços finos, nítidos, coloridos e grande variedade temática. Apresenta também informações sobre a sociedade, o meio ambiente e animais, como: aves, tamanduás, veados, emas, capivaras e outros que não existem mais, pois são do período da megafauna. Há cenas de sexo, batalhas e relações sociais (SIERRA, 2001, p. 39).



Figura 7 - Boqueirão da Pedra Furada. Cena do beijo. (Serra da Capivara)

As pinturas desse sítio são feitas no alto (FUMDHAM, 2003, p. 81) e estabelecem a cronologia da arte rupestre na região do Parque. Também mostram o reconhecimento da existência das diferentes culturas (FUMDHAM, 2001, p. 35-6) regionais. O fato de encontrarem-se pinturas em níveis diferentes do Sítio e com características opostas indica que muitos grupos usaram aquele mesmo espaço ao longo de gerações (GUIDON, s/data, p. 14) e que foi um local de produções coletivas.

O Sítio apresenta superposições parciais de pinturas, que permitem a reconstituição da ordem em que foram feitas (PESSIS, 2003, p. 142). As mais de 1100 figuras pintadas corroboram com essa hipótese. O Sítio era também local de proteção frente às intempéries, pois a sua inclinação natural cria um amplo espaço protetor das chuvas, condição facilitadora para a estabilização de grupos em suas proximidades (BUCCO, 1999, p. 21-2).





Pelas produções rupestres, percebemos que os sítios são os repositórios de estoques da subjetividade humana. Neles, os artistas plasmavam emoções, pesares, alegrias, esperanças, dores, angústias, júbilos, vitórias, derrotas e sentimentos de seus entes mais próximos ou de seus grupos. Os sítios eram locais de contar e recontar as emoções e histórias. Eram um suporte mnemônico e incentivador para os mais jovens pela manutenção da vida (SPENCER, 2004, p. 136).

Muitos sítios arqueológicos com pinturas localizam-se próximos das corredeiras ou caldeirões de água, lagoas ou de rios. A proximidade com a água supria uma das necessidades mais prementes para a espécie humana e as produções manuais dos grupos, como polir pedras, desenvolver machadinhas úteis às caçadas e as próprias produções das pinturas (COSTA, 2003, p. 139).

Alguns sítios com imagens rupestres também foram abrigos e moradias, às vezes temporária, dos primeiros habitantes da região. São conhecidos como abrigos sob rocha. Escavações de sepultamentos no entorno e junto a instrumentos de pedra e ossos de animais foram feitas ali, confirmando a presença frequente de humanos.

As pinturas do Parque Nacional da Serra da Capivara, registradas na extensão de imensos paredões calcários, revelam que os habitantes pré-históricos da região possuíam uma vida social bastante movimentada. Entre os sítios arqueológicos encontrados na área, a maioria retrata como esses homens viviam. Mostram também seus hábitos, suas crenças, seus ritos e os elementos da flora e da fauna que, naquela época, faziam parte da natureza a seu redor.

O CONTEXTO

Todas as sociedades desenvolveram-se se relacionando com o meio ambiente e, assim, compõem o contexto local. Os seres humanos pensam e agem em função das pressões que os atingem no mundo ao seu redor. É do modo como o homem se depara com seu contexto ambiental, que nascem as diferentes formas de ver, pensar e analisar o mundo entre as sociedades aprende-se muito (LÉVI-STRAUSS, s/data, p. 17). Nesse contexto relacional é que ocorre a transmissão de conhecimentos, de geração para geração ao longo dos anos.

Os primeiros habitantes do Brasil, ao criar suas pinturas rupestres, estavam transferindo para as rochas, um suporte natural à sua disposição, seus intentos e desejos.

As pinturas apresentam dados da realidade (a caça, a coleta do mel, as técnicas aplicadas no desenvolvimento social e aspectos físicos da flora e da fauna). Com elas, os grupos humanos aprendiam a lidar com a vida e o contexto.

O contexto em que hoje se localizam as pinturas rupestres no interior do Piauí era muito diferente. Há mais de 10 mil anos, o clima, a fauna e a flora eram outros. Por isso, as relações dos humanos entre si e com o meio ambiente, que são necessárias e independentes da vontade, também eram outras.

Os sítios da Tradição Nordeste mais antigos e representativos culturalmente da região têm duração de seis mil anos, comprovando o sucesso adaptativo dos humanos ao meio. Eles adaptavam sua economia e vida às condições locais. E, ainda, exploravam o ecossistema de forma equilibrada e próspera.





A produção técnica de materiais extracorpóreos e das pinturas rupestres (GUIDON, 1998, p. 42), permitiam maiores possibilidades de exploração e, indiretamente, garantiam uma vida mais saudável e confortável aos grupos ocupantes da região.

A região era composta por uma grande floresta úmida e, pelo menos até o século XVIII, existiam ali rios, conforme informam os estudos mais recentes. Os humanos foram para lá, por ser um bom lugar para se viver: havia água, animais e plantas (AZEVEDO, 2003, p. 05; SANCHES, 1998, p. 01).

Os grandes rios (SPENCER, 2004, p. 70) da região tinham dupla função: garantiam uma vegetação abundante para a alimentação da fauna e, conseqüentemente, garantiam presas ideais para os grupos caçadores, lembrando que os vegetais também compunham a alimentação humana (GUIDON, 2004, p. 133).

Até 10.500 anos atrás, período geológico do Holoceno (PROUS, 2006, p. 136), apenas um grupo ocupava a região piauiense. Depois, como mostram os painéis rupestres, outros grupos ocupam os territórios vizinhos e chegam à região atual do Parque Nacional Serra da Capivara (GUIDON, 1998, p. 43).

O mesolítico tem início próximo de 9.000 anos atrás, é o período de transição climática da época glacial para a atual. Quando o oceano e suas águas ficaram mais quentes foi o momento em que os humanos procuraram restingas e desembocaduras de rios em busca de peixes e mariscos. Mudanças climáticas podem ser verificadas nas produções de artefatos humanos (FUMDHAM, 1998, p. 09).

Os ciclos climáticos com grande alternância impuseram aos grupos pré-históricos uma dinâmica socioeconômica relacionada com o ritmo da natureza, de onde retiravam o seu sustento para a perpetuação da espécie (ETCHEVARNE, 1999/2000, p. 115). Na região nordestina, mesmo com as hostilidades naturais (como o clima semiárido), a arte rupestre desenvolveu-se rica e expressiva como a de outros lugares do mundo. Mostra a capacidade adaptativa humana ao meio que povoaram (MARTIN, 2000, p. 99).

As pesquisas realizadas pela equipe liderada por Guidon em São Raimundo apontam, no contexto das pinturas, outros achados, como ferramentas de pedra lascada e ossos de animais (GUIDON, 1990, p. 44). O Sítio do Boqueirão da Pedra Furada – BPF apresenta vestígios de fogueiras, de fauna, restos alimentares, pequenas lascas, pontas de sílex, cinzas e carvão (FUMDHAM, 1998, p. 22). Os restos ósseos evidenciam o modo de vida dos caçadores e coletores (GUIDON, 1985, p. 131-2).

Todos os vestígios materiais que aparecem repetidos evidenciam a existência de um mesmo grupo cultural (FUMDHAM, 1998, p. 08). É o caso das pinturas rupestres que se repetem, podendo para muitos formar uma tradição, subtradição ou estilo. Entre as cenas repetidas com frequência, está o homem pássaro, um antropomorfo com características de pássaro (IDEM, 2001, p. 46).





Figura 8 - Toca da Extrema II. Humano fantasiado de pássaro (Serra Branca)

As datações atribuídas às pinturas rupestres da região do Parque são, na realidade, do contexto em que se encontram. Foram feitas a partir de vestígios da cultura, preservados graças as condições climáticas da região:

A extrema seca [que] permite a conservação excepcional do material pré-histórico, como restos de tecidos, cabelos e mesmo fragmentos de pele humana, enquanto que em regiões úmidas tudo fica destruído (MARANCA, 1981/82, p. 171).

Os abrigos em rocha não são muito comuns, mas foram ocupados por diferentes etnias e com funções distintas, como: moradia, acampamento para a caça, armazenamento de víveres e cemitérios (GASPAR, 2003, p. 61).

Já Perelló considera que as pinturas rupestres estavam relacionadas, principalmente, com a moradia, já que se localizavam, em sua maioria, nas entradas dos abrigos. Era lá que a vida cotidiana (PERELÓ, s/data, p. 82) se desenvolvia, ou seja, a divisão da caça, a preparação das alimentações, a distribuição de tarefas do dia, as conversas. Para Costa, as pinturas de zoomorfos nos paredões frontais dos abrigos estampam os animais de que os humanos dependiam para a sua sobrevivência (COSTA, 1999, p. 89). Enquanto que no contexto tribal, evidentemente se pudermos tomar de empréstimo informações etnográficas, mais que em qualquer outro a arte funciona como um meio de comunicação, emanando a força, a autenticidade e o valor da estética tribal (VIDAL, 1992, p. 17).

A pintura rupestre era um sistema integrador entre os humanos e o meio ambiente. Permitiam trocas mútuas entre o corpo do artista e o ambiente, gerando a evolução de ambos. Artistas usavam troncos de árvores como se fossem extensões de seus corpos, para a realização de suas obras. Souberam vencer as dificuldades impostas pelo meio e deixaram suas marcas (COSTA, 2003, p. 131).

Os humanos conheciam a fauna pleistocênica, porque, com a mudança drástica de clima, muitos animais não sobreviveram principalmente os de grande porte (PROUS, 2006, p. 136). Há, porém, registros de focos de resistências desses animais plasmados nas rochas, talvez devido a sua extrema raridade. Os primeiros habitantes do território, hoje conhecido como Brasil, usavam-se de várias categorias para registrar e comunicar suas informações (BELTRÃO e LUCE, s/data, p. 97/107). Os da região piauiense registravam, além de aspectos da vida, os seus momentos, provavelmente, de diversão (COSTA, 1999, p. 59).

Havia intercâmbio entre os grupos diferentes por meio das pinturas, resultando em um processo de comunicação social, onde uns conheciam as criações dos outros e vice-versa. As pinturas traduziam a forma particular de cada grupo ver, pensar e agir sobre o mundo (LEITE, 1998, p. 03).





O contexto encontrado pelos primeiros humanos obrigava-os a andanças rotineiras por motivos variados. Mesmo com esgotamento das frutas a recolher e as migrações dos animais, os grupos caçadores e coletores não deixavam de permanecer o máximo possível em cada região (NARR, 1977, p. 18), parece-nos que deveria ser como ocorreu em São Raimundo Nonato – PI. Os grupos humanos ocuparam quase toda a região e dali se locomoviam para outros espaços mais adequados.



Figura 9 - Toca do Baixão do Perna.IV. Andanças. (Serra Talhada)

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI E O NORDESTE DO BRASIL

Na região do lajedo de Soledade existem ravinas (escavações nas rochas) não usadas na produção de pinturas. Isso significa que os locais para pintar não eram escolhidos aleatoriamente. Só foram pintadas aquelas rochas com alguma função ou significado grupal (PACHECO e ALBUQUERQUE, 1999, p. 121). Na região do Parque Nacional Serra da Capivara/PI – PARNA existem inúmeros espaços semelhantes aos pintados, alguns até com fácil acesso, que não foram usados.

Para alguns autores as pinturas deixariam claro que havia separação de afazeres, pois não mostram mulheres caçando, nas guerras ou nas danças. Apareciam somente em cenas familiares, de relações sexuais e de partos (MONZON, 1981/1982, p. 407). Parece-nos que o fato de não terem pintado as genitálias em inúmeras cenas não impede de as mulheres terem participado das diversas atividades sociais, como as caçadas (JUSTAMAND, 2014).

Para Niède Guidon, naquele período, era necessária uma grande coesão social. O saber transmitia-se de adultos para os jovens, e as pinturas contribuía nesta transmissão. Diz ela: “as primeiras sociedades humanas, pouco numerosas, eram solidárias. A generosidade da natureza podia manter todos saudáveis (GUIDON, 2004). Para a mesma autora os grupos ocupantes da região tinham o corpo e o cérebro iguais aos de hoje, além de serem exímios caçadores (1990). Carlos Fausto também considera que as sociedades ocupantes do Brasil antigo e produtoras das pinturas eram igualitárias, simples e de pequeno porte (FAUSTO, 2000, p. 25).





A região do Seridó no Rio Grande do Norte apresenta sítios arqueológicos com pinturas rupestres similares aos da região piauiense. Para os arqueólogos, são da mesma Tradição Nordeste, o que significa que, mesmo com uma distância de quase 1.200 quilômetros, houve influência cultural. As pinturas possuem os mesmos atributos, porém se preocupam mais com a face. Trazem mais cenas onde os humanos estão com adornos e objetos diversificados (PESSIS, 2004, p. 161/163). Apresentam cenas com cerimoniais onde figuras adultas parecem proteger ou mesmo entregar uma criança.

Há aqueles autores que acreditam que os artistas da região do Rio Grande do Norte, por exemplo, registravam suas obras nas partes altas das serras, como em São Raimundo Nonato. E eles tinham como objetivo orientar suas obras de arte para os cursos d'água (MARTIN, 2004, p. 165). Já as pinturas rupestres de outra região com as da Chapada da Diamantina na Bahia apresentam cenas de caça, parto, danças e sexo como as da região do parque piauiense (TOTH, 1997, p. 194; JUSTAMAND, out/2014).

Martin julga que alguns dos grupos que viviam na região do sudoeste do Piauí saíram dali e se adequaram às condições ambientais do Seridó no Rio Grande do Norte, por volta de nove mil anos atrás. Mantiveram, contudo, suas produções de pinturas ainda ligadas ao grupo anterior. Esse tipo de permanência cultural e de transmissão de conhecimentos por meio das produções rupestres se espalhou por todo o sertão nordestino (MARTIN, 1996, p. 342).

O FOCO DE ORIGEM

As pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara sinalizam os suportes rochosos da região como um foco de origem e de expansão dessa prática pelo nordeste. Ao menos para a Tradição Nordeste de pinturas, segundo os estudos da equipe liderada por Guidon (1984, p. 157). Silvia Maranca (1981/82, p. 172) também julga que há milhares de anos as populações pintaram nessas paredes rochosas.

Os grupos humanos da região do Parque faziam história e participavam de sociedades dinâmicas e complexas (PESSIS, 2000, p. 136). Criatividade, desenvoltura, valores sociais e conhecimentos naturais e econômicos norteavam suas vidas.

Os vestígios deixados pelos humanos, como as pinturas, demonstram que a presença humana no Brasil, e no Piauí em especial, é mais antiga do que se imaginava. Indicavam ainda a preferência dos grupos por certos paredões (GUIDON, 1984, p. 160). As pinturas e suas inúmeras cenas rupestres mostram a evolução e presença de vários grupos na região, que o seu modo de vida se parecia e que tinham sua base econômica na caça, coleta e pesca (BUCCO, 1999, p. 25).

A diversidade estilística de produção, tanto das artes quanto da indústria lítica, faz pensar na existência de grupos diversos na região e em suas divergências sobre a ocupação territorial, embora eles pudessem ser de alguma forma, aparentados (SALVIA, 1998, p. 66). Parece que buscavam de algum modo a sua identidade cultural (PROUS, 2006, p. 72). As figuras humanas plasmadas nas rochas expressam dinamismo graças às posições de seus braços e pernas (levantados ou abertos). Parece-nos que as suas figuras pintadas correm, dançam, saltam e lutam (PESSIS, 2005, p. 06).





Figura 10 - Baixão do Perna II. Humanos dançando (Serra Talhada)

As inúmeras cenas de lutas mostram existência de rivalidades, inimizades, enfrentamentos, confrontos e divergências, em decorrência das alterações demográficas e também ao estabelecimento de novas identidades (PESSIS, 2004, p. 159). É possível observar em diversas cenas violência, estupro ou de execuções com lutas entre apenas dois indivíduos ou ainda batalhas coletivas (GUIDON, 1998, p. 48; PROUS, 2006, p. 74; JUSTAMAND, 2010).

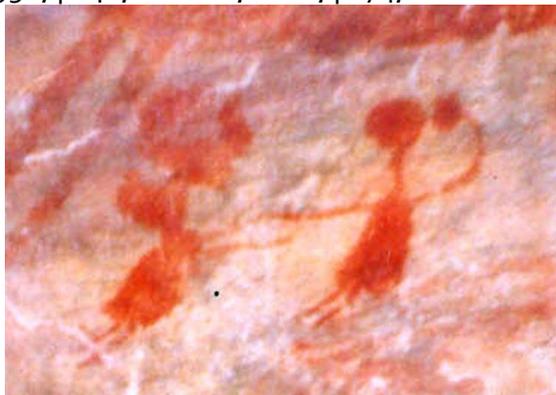


Figura 11 - Toca da Serrinha. Humanos lutando. (Serra da Capivara)

A movimentação humana era necessária para resolução de tarefas ou para encontrarem ambientes mais "hospitaleiros", evidentemente, outros motivos poderiam existir, mas que desconhecemos. Mas que caminhavam, temos certo, e poderia ser em busca de recursos alimentares, ou para curtas incursões logísticas e acampamentos momentâneos. Para essas atividades necessitavam, na maioria dos casos, caminharem muito. Isso se deve ao fato de que nem sempre se poderia utilizar de embarcações, que não eram, necessariamente, conhecidas (SALVIA, 1998, p. 119/120). As pinturas rupestres, de alguma forma, graças as suas sutilezas plasmadas nas rochas, demonstram essas emigrações pré-históricas na região (PESSIS, 2003, p. 157).





Figura 12 - Toca do Caldeirão do Rodrigues I. Andanças. (Serra da Capivara)

Nas pinturas rupestres, há cenas com humanos segurando redes (PROUS, 2006, p. 74), técnica usada para a caça de animais, onde alguns humanos assustavam os animais para o local em que estava esticada a rede, assim os animais ficavam com os chifres enroscados. É muito provável que as redes também eram usadas para a pesca (MONZON, 1981/82, p. 403). Era parte da tecnologia pré-histórica, mas por se desmancharem facilmente pela ação do tempo sua preservação é problemática. De toda forma, foi encontrado um fragmento de tecido junto a um esqueleto humano na Toca do Gongo, Parque Nacional Serra da Capivara (FUMDHAM, 1998, p. 28).

CONSIDERANDO FINALMENTE... MAS SEM TER MUITAS CERTEZAS!

Consideramos que, o que ficou conhecido nos meios acadêmicos, a Tradição Nordeste de Pinturas Rupestre com seu centro de origem na região do Parque Nacional Serra da Capivara pode ter influenciado as formações artísticas de outras regiões ali próximas. Auxiliando nas formas de comunicar, educar e transmitir ideias e posturas de convivência. Mas também contribuíram para melhorar as relações dos seus usuários com o meio ambiente em que frequentavam sendo uma das formas de expressar modos de vida e seus códigos de conduta naqueles espaços ocupados pelos ancestrais americanos. E por fim acreditamos que a arqueologia e a etnologia revelam-nos a existência de sociedades diferentes e subsidiam a busca de informações para entendermos melhor a vida de nossos ancestrais.

Assim, com o suporte desses ensinamentos pretéritos, percebemos que a forma de vida de nossos primeiros habitantes era mais simples e, provavelmente, mais prazerosa, o que pode constituir uma lição para a tão conturbada e individualista sociedade atual.

Muitos, ainda hoje, consideram a cultura indígena inferior e a rejeitam, mas, ao contrário do que é oficialmente divulgado, ela constitui, na *terra brasilis*, uma riquíssima fonte de saberes e conhecimentos ancestrais sobre como viver, como mostram as pinturas rupestres piauienses aqui analisadas (JUSTAMAND, 2010).





As atuais sociedades caçadoras e coletoras, entre outras, sofrem com nossa estrutura agrária, que as exclui ou destrói seus espaços, que são necessários para a produção cultural e para a manutenção de uma vida digna e autônoma (LÉVI-STRAUSS, s/data, p. 211). Depois de terem vivido milhares de anos nessas terras, poucos têm sua posse definitiva, que é garantida por lei. Por isso, é urgente reconhecer o direito a posse das terras e divulgar a produção ancestral em todos os recantos do país, como procuramos fazer ao longo deste trabalho. Dessa forma, parecemos que as pinturas rupestres piauienses compõem um cabedal de informações que não se pode esquecer e nem passar-se despercebido delas. Merecendo fazer parte da composição da História Antiga do Brasil, das Américas e do Mundo. Para que outros mundos também sejam conhecidos, vistos e reconhecidos. Outras e novas histórias podem ser contadas!

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Cláudio. Correr moldou a biologia humana. *Folha Ciência*. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 18/11/2004.
- AZEVEDO, Ana Lucia. Túnel do tempo sertanejo. Brasil pré-histórico. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro: 06/09/2003, p. 5. Ver também: SANCHES, Vânia Maria Lourenço. *As pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), UNESP, São Paulo, 1998.
- BELTRÃO, Maria da conceição de Moraes Coutinho e LUCE, Cynthia Newby. Eventos, signos e símbolos na pré-história brasileira. In: ALVES FILHO, Ivan. *História pré-colonial do Brasil*. Rio de Janeiro: Europa, s/data.
- BUCCO, Cristiane A. *Indicadores da prática musical na pré-história do nordeste brasileiro, PARNA – PI*. Dissertação (Mestrado em Artes) UFPE, Recife: 1999.
- COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. Análise semiótica de configurações rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, 1999.
- COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. *Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil*. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, 2003.
- ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista da USP*. São Paulo, dez/fev 1999/2000.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano). *O museu do homem americano*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1998.
- FUMDHAM. *Trilha Interpretativa Hombu – Parque Nacional Serra da Capivara*. São Raimundo Nonato, FUMDHAM. 2001.
- FUMDHAM. *Trilhas da Capivara*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1998, p. 12.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Os antigos ocupantes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.



FUNARI, Pedro Paulo Abreu e JUSTAMAND, Michel. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – PI, muito antes de 1500. *Revista Sodebrás*, vol. 9, n. 99, mar/2014.

FUNARI, Pedro Paulo e NOELI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.

GASPAR, Madu. *A arte rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GIUDON, Niède. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: DANTAS, Marcello. *Antes. Histórias da Pré-história*. Rio de Janeiro: Banco do Brasil, 2004.

GUIDON, Niède e outros. *Parque Nacional Serra da Capivara*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2002.

GUIDON, Niède. As ocupações pré-históricas do Brasil. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GUIDON, Niède. *Carta aos futuros arqueólogos*. Agência Carta Maior. 17/setembro de 2004. www.agenciacartamaior.uol.com.br.

GUIDON, Niède. Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio e Dillehay. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. *Revista Fumdhamentos*, São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1996.

GUIDON, Niède. Memórias pintadas na pedra ou um olhar para o passado, presente e futuro. *Revista Entrevista do Curso de Comunicação – UFC*, nº 13. Fortaleza: EDUFC, 2000.

GUIDON, Niède. Pré-história do Piauí: arte e incógnitas do homem americano. *Revista Horizonte Geográfico*. São Paulo: Audichromo, Out/1990.

GUIDON, Niède. Reflexões sobre o povoamento da América. São Paulo, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. nº 23. Dédalo USP, 1984.

GUIDON, Niède. Unidades culturais da tradição nordeste na área arqueológica de São Raimundo Nonato - PI. *Revista Museu Paulista*. Nova serie vol. XXX. São Paulo: USP, 1985.

JUSTAMAND, Michel. *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar*. Dissertação (mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, set/2002. São Paulo.

JUSTAMAND, Michel. *As pinturas rupestres nos livros didáticos de História*. Francisco Morato: Margê, 2006.

JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

JUSTAMAND, Michel. *A mulher rupestre. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2014.

JUSTAMAND, Michel. Rochas de livres prazeres. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 10, n. 109, Rio de Janeiro, out/2014.





LEITE, Marinete Neves. A identidade humana e o universo mítico na pintura rupestre. *Revista Clio*, nº 14, série arqueológica, Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Recife, EDUFPE. 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Entrevista. In: LLOBERA, José Ramón. *As sociedades primitivas*. Trad. Cintra Ferreira e Irineu Garcia. Rio de Janeiro: Salvat, s/data.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A etnologia vai à arte. In: ALVES, Ivan Filho. *História pré-colonial do Brasil*. Rio de Janeiro: Europa, s/data.

MARANCA, Silvia. A pintura rupestre no sudoeste do Estado do Piauí. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP, 1981/82.

MARTIN, Gabriela. A tradição nordeste na arte rupestre do Brasil. *Revista Clio*, nº 14, Série arqueológica, Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Recife, EDUFPE. 2000.

MARTIN, Gabriela. Identidades no sertão do Seridó. In: DANTAS, Marcello. *Antes. Histórias da Pré-história*. Rio de Janeiro: Banco do Brasil, 2004.

MARTIN, Gabriela. Os sítios rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte (Brasil), no contexto do povoamento da América do Sul. *Revista Fundamentos*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 1996.

MONZON, Susana. A representação humana na arte rupestre do PI: comparações com outras áreas. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, vol. XXVIII, São Paulo: EDUSP, 1981/82.

NARR, K. J. Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana. In: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. *Antropologia cultural: O homem em sua existência biológica, social e cultural*. (Coordenador da edição brasileira Egon Schaden). São Paulo: EDUSP, 1977.

PACHECO, Leila M. S. e ALBUQUERQUE, Paulo T. de S. O lajedo de Soledade. TENORIO, Maria Cristina. *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1999.

PEREIRA, José Anthero Jr. *Introdução ao estudo da Arqueologia brasileira*. São Paulo: Bentivegna. 1967.

PERELLÓ, Eduardo Ripoll. *Orígenes y significado del arte Paleolítico*. s/local: Sílex, s/data.

PESSIS, Anne-Marie e GUIDON, Niède. Ars indígena Pré-história do Brasil. *Revista Clio*, nº 14, Série Arqueológica, Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Recife: EDUFPE, 2000.

PESSIS, Anne-Marie. *A arte rupestre*. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2005.

PESSIS, Anne-Marie. A transmissão do saber na arte rupestre do Brasil. In: DANTAS, Marcello. *Antes. Histórias da Pré-história*. Rio de Janeiro: Banco do Brasil, 2004.

PESSIS, Anne-Marie. Apresentação gráfica e apresentação social na tradição nordeste de pintura rupestre do Brasil. *Revista Clio*, n. 5. Recife: EDUFPE, s/data.





- PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. *Revista Clio* n. 8, Recife: EDUFPE 1992.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história*. São Raimundo Nonato, FUMDHAM/Petrobras. 2003.
- PESSIS, Anne-Marie. Registros rupestres. Perfil gráfico e grupo social. São Paulo: *Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1994..
- PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006..
- SALVIA, Eliany S. *A utilização da área cárstica de São Raimundo Nonato – PI pelos grupos pré-históricos que ocuparam a Serra da Capivara*. Dissertação (Mestrado) UFPE, Recife, 1998.
- SANCHES, Vânia Maria Lourenço. *As pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), UNESP, São Paulo, 1998.
- SIERRA, Guilherme. Do sertão ao mar. *Revista Horizonte Geográfico*. n.77, ano 14. São Paulo: Audichromo, 2001.
- SOLÁ, Maria Elisa Castelianos. Arte rupestre: imagens da pré-história. ALVES, Ivan Filho. In: *História pré-colonial do Brasil*. Rio de Janeiro: Europa, s/data, p. 131.
- SPENCER, Walner Barros. *Lajedo de Soledade: os grafismos sagrados dos guardiões do Cosmo*. Tese (doutorado em Ciências Sociais), UFRN, Natal, 2004.
- TOTH, Elba Moraes Rego. Chapada da Diamantina – rochas pré-cabralinaas e pinturas rupestres do homem pleistocênico. *Revista Clio* ° 12. Recife: EDUFPE, 1997.
- VIDAL, Lux. *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel/EDUSP, 1992.

